

**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E PROBLEMAS ATUAIS DA SATURAÇÃO DOS  
CONTEÚDOS DO CURSO DE FORMAÇÃO “ESTUDOS GLOBAIS” NOS  
ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR RUSSOS MODERNO**

**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS Y PROBLEMAS ACTUALES DE LA SATURACIÓN  
DE CONTENIDOS DEL CURSO EDUCATIVO “ESTUDIOS GLOBALES” EN LOS  
MODERNOS CENTROS DE ENSEÑANZA SUPERIOR RUSOS**

**PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS AND ACTUAL PROBLEMS OF THE CONTENT  
SATURATION OF THE EDUCATIONAL COURSE “GLOBAL STUDIES” IN MODERN  
RUSSIAN HIGHER EDUCATIONAL INSTITUTIONS**



Alexey YAKOVLEV<sup>1</sup>

e-mail: alexey.yakovlev@mymail.academy



Alexei VOSKRESENSKY<sup>2</sup>

e-mail: alexei.voskresenskiy@mymail.academy



Anastasia SHEVCHENKOVA<sup>3</sup>

e-mail: anastasia.shevchenkova@mymail.academy



Evgeniy IVANOV<sup>4</sup>

e-mail: evgeniy.ivanov@mymail.academy

**Como referenciar este artigo:**

YAKOVLEV, A.; VOSKRESENSKY, A.; SHEVCHENKOVA, A.; IVANOV, E. Fundamentos filosóficos e problemas atuais da saturação dos conteúdos do curso de formação “estudos globais” nos estabelecimentos de ensino superior russos modernos. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 36, n. 00, e025004, 2025. e-ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v36i00.10899



| **Submetido em:** 02/02/2025

| **Revisões requeridas em:** 01/03/2025

| **Aprovado em:** 27/03/2025

| **Publicado em:** 01/04/2025

**Editora:** Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Instituto de Filosofia Humana, Universidade Pedagógica Estatal Herzen da Rússia, São Petersburgo – Rússia. Professor Associado do Departamento de Filosofia.

<sup>2</sup> Instituto de Filosofia Humana, Universidade Pedagógica Estatal Herzen da Rússia, São Petersburgo – Rússia. Professor Associado do Departamento de Antropologia Filosófica e História da Filosofia.

<sup>3</sup> Instituto de Filosofia Humana, Universidade Pedagógica Estatal Herzen da Rússia, São Petersburgo – Rússia. Assistente no Departamento de Antropologia Filosófica e História da Filosofia.

<sup>4</sup> Instituto de Filosofia Humana, Universidade Pedagógica Estatal Herzen da Rússia, São Petersburgo – Rússia. Assistente no Departamento de Filosofia.

**RESUMO:** Este estudo examina os fatores filosóficos, ideológicos e políticos que moldam a estabilidade global e seu impacto na educação e nas relações internacionais. Utilizando uma abordagem multidisciplinar, contrasta o cosmismo russo com as ideologias liberais ocidentais, analisando pensadores-chave como Fedorov e Florensky. A investigação destaca como os currículos de Estudos Globais refletem uma transição de quadros unipolares para multipolares, enfatizando o enriquecimento da educação por meio da identidade cultural e nacional. Estudos de caso, incluindo a participação da Rússia no “pivô para o Leste” e na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, ilustram os impactos práticos da multipolaridade. Os resultados sugerem que a ênfase da Rússia nos valores tradicionais e na multipolaridade está remodelando as relações globais, desafiando o domínio ocidental. A transição para uma ordem multipolar exige estratégias de colaboração e inclusão baseadas na diversidade cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos Globais. Currículo Educacional. Multipolaridade. Cosmismo Russo. Filosofia da Educação.

**RESUMEN:** Este estudio examina los factores filosóficos, ideológicos y políticos que configuran la estabilidad mundial y su repercusión en la educación y las relaciones internacionales. Utilizando un enfoque multidisciplinar, contrasta el cosmismo ruso con las ideologías liberales occidentales, analizando a pensadores clave como Fedorov y Florensky. La investigación pone de relieve cómo los planes de estudios globales reflejan un cambio de los marcos unipolares a los multipolares, haciendo hincapié en el enriquecimiento de la educación a través de la identidad cultural y nacional. Los estudios de casos, incluido el “pivote hacia el Este” de Rusia y la participación en “Un cinturón, una ruta”, ilustran las repercusiones prácticas de la multipolaridad. Las conclusiones sugieren que el énfasis de Rusia en los valores tradicionales y la multipolaridad está remodelando las relaciones mundiales, desafiando el dominio occidental. La transición a un orden multipolar exige estrategias de colaboración e integración basadas en la diversidad cultural.

**PALABRAS CLAVE:** Estudios Globales. Currículo Educativo. Multipolaridad. Cosmismo Ruso. Filosofía de la Educación.

**ABSTRACT:** This study examines the philosophical, ideological, and political factors shaping global stability and their impact on education and international relations. Using a multidisciplinary approach, it contrasts Russian cosmism with Western liberal ideologies, analyzing key thinkers like Fedorov and Florensky. The research highlights how global studies curricula reflect a shift from unipolar to multipolar frameworks, emphasizing the enrichment of education through cultural and national identity. Case studies, including Russia’s “pivot to the East” and “One Belt, One Road” participation, illustrate the practical impacts of multipolarity. Findings suggest that Russia’s emphasis on traditional values and multipolarity is reshaping global relations, challenging Western dominance. The transition to a multipolar order calls for collaborative and inclusive strategies rooted in cultural diversity.

**KEYWORDS:** Global Studies. Educational Curriculum. Multipolarity. Russian Cosmism. Educational Philosophy.

## Introdução

No contexto do rápido avanço das transformações fenomenais na situação internacional em escala global, a necessidade de uma saturação substancial dos recursos educacionais sobre os problemas da Globalística torna-se cada vez mais urgente (Volkova, 2023; Yespolova; Ybyrainzhanov; Mussabekova, 2019). Até hoje, os princípios fundamentais do Estado, enquanto organismo social eficaz e sustentável, permanecem inalterados em seus propósitos essenciais. As funções que o Estado assumiu como estabilizadoras e garantidoras da continuidade já estavam presentes nas civilizações antigas (Guzeeva, 2023; Polovchenko, 2021). Assim, a proteção contra ameaças externas tem sido e continua sendo um elemento essencial para a preservação da comunidade humana ao longo da história, desde os clãs e tribos primitivas até a pólis grega e o Estado moderno. As tradições de proteção da sociedade, da sua integridade interna e unidade, bem como das condições que asseguram sua própria existência, possuem uma história rica e diversas formas de implementação. “N.Y. Danilevsky comparou o Estado a uma casca sólida, enfatizando que, sem um núcleo, essa casca não teria utilidade” (Sharipov, 2017, p. 431, tradução nossa).

A proteção da sociedade e, em particular, do Estado, envolve uma complexidade moral significativa. A necessidade de preservar a liberdade, a soberania, a integridade territorial e um modo de vida independente e digno para o povo, assim como os valores culturais, constitui a função primordial do Estado, que deve garantir sua eficácia na defesa da sociedade contra a violência e a destruição externas.

Mesmo um opositor da guerra e defensor da paz, como o filósofo religioso-cosmista russo Fedorov, reconhecia as realidades do mundo moderno e justificava a necessidade da defesa do Estado enquanto a humanidade, sua natureza, suas necessidades básicas e suas tradições não fossem transformadas.

Nossa história é tanto civil quanto sagrada; como história de luta, é civil; enquanto história do sermão “não matarás, não lutarás”, ainda não se tornará sagrada, não será cristã, mas permanecerá antiga. A humanidade não cessará de matar e lutar e, ao contrário, continuará aperfeiçoando a invenção de armas letais (a invenção da pólvora inaugura uma nova era histórica) para proteger a riqueza acumulada graças ao progresso (Fedorov, 1995, p. 147-148, tradução nossa).

A reflexão sobre a experiência histórica e cultural da Rússia, representada por um amplo espectro de pensadores russos, como Solovyov, Florensky, Karsavin, Khomyakov, Danilevsky,

Ilyin e Fedorov, quando incorporada ao desenvolvimento de cursos educacionais em estudos globais, possibilita o enriquecimento do conteúdo programático e permite ampliar as bases conceituais e os significados dos processos globais para além das perspectivas propostas pelos países ocidentais.

Dado esse contexto, a educação se destaca como um domínio essencial para interpretar, analisar e transmitir os complexos processos que impulsionam as transformações globais. O campo dos Estudos Globais tem o potencial de estabelecer conexões entre reflexões filosóficas e políticas e a prática pedagógica, permitindo que os estudantes se envolvam criticamente com as mudanças ideológicas e culturais que moldam as relações internacionais. Assim, o desenvolvimento de conteúdos educacionais em Estudos Globais não deve se limitar a panoramas descritivos das tendências globais, mas também deve estimular o pensamento crítico, o diálogo intercultural e o raciocínio baseado em valores.

Na educação superior russa, a incorporação de tradições filosóficas, como o cosmismo russo, nos programas de Estudos Globais representa uma oportunidade para diversificar os referenciais epistemológicos e resistir à hegemonia das narrativas ocidentais. Ao integrar essas perspectivas ao currículo, as instituições de ensino podem promover uma compreensão mais profunda da identidade nacional, do diálogo civilizacional e do papel do patrimônio cultural na cooperação global. Dessa forma, a inclusão de conteúdos enraizados no discurso filosófico nacional nos Estudos Globais não é apenas um empreendimento político ou ideológico, mas também um imperativo pedagógico, voltado à formação de estudantes como cidadãos globais, reflexivos e responsáveis.

O objetivo deste estudo é analisar criticamente os fatores filosóficos, ideológicos e políticos que influenciam a estabilidade global e investigar como esses fatores podem contribuir para o desenvolvimento de conteúdos educacionais em programas de Estudos Globais na educação superior.

## **Metodologia**

Este estudo adota uma abordagem multidisciplinar, combinando investigação filosófica, análise política e teoria educacional. Examina criticamente o globalismo e a multipolaridade sob a ótica do cosmismo russo, contrastando essas ideias com as ideologias liberais ocidentais. Textos de figuras-chave, como Fedorov e Florensky, são analisados em conjunto com teorias ocidentais contemporâneas para explorar suas sinergias e diferenças.

Um modelo comparativo investiga como o conteúdo dos Estudos Globais reflete paradigmas ideológicos e culturais mais amplos, enfatizando a transição de um modelo unipolar para um multipolar nas relações internacionais. A pesquisa utiliza uma metodologia hermenêutica para interpretar conceitos filosóficos e sua relevância para a educação moderna, destacando como a identidade nacional e cultural pode enriquecer os currículos e promover uma abordagem mais inclusiva.

Estudos de caso, como o “pivô para o Oriente” da Rússia e seu envolvimento em iniciativas como “Um Cinturão, Uma Rota”, ilustram as implicações práticas da multipolaridade. Essa análise alinha reflexões filosóficas com realidades geopolíticas, estabelecendo conexões entre teoria e prática para propor uma abordagem culturalmente fundamentada para os Estudos Globais.

## Resultados

A ideia de globalização, desenvolvida no pensamento social liberal ocidental moderno, entra em conflito com a concepção tradicional e nacionalmente orientada da sociedade estatal, revelando uma contradição evidente. Apesar de, superficialmente, essa ideologia liberal parecer antiestatista, direcionada contra a predominância de entidades estatais nas relações internacionais, em essência, ela demanda a criação de uma estrutura supraestatal que não apenas suprime as diferenças individuais, mas também elimina as diferenças nacionais e culturais na concepção da gestão social.

Essa “eliminação global das diferenças”, necessária para retirar o Estado tradicional do campo da governança internacional, inevitavelmente gera conflitos. É possível identificar diversas características regionais na percepção do construto teórico ocidental — o globalismo — dentro do espaço mundial mais amplo.

Essa tensão filosófica e ideológica entre a homogeneização globalista e a diferenciação nacional-cultural tem profundas implicações para a prática educacional. No campo dos Estudos Globais, é essencial desconstruir criticamente essas visões conflitantes para promover um currículo mais abrangente e inclusivo. Quando o conteúdo educacional reflete, de maneira acrítica, as interpretações liberais ocidentais da globalização, corre-se o risco de marginalizar experiências civilizacionais e epistemologias alternativas. Portanto, torna-se fundamental reformular a abordagem pedagógica dos Estudos Globais, incorporando tradições filosóficas

diversas — como aquelas enraizadas no pensamento russo —, que priorizam a soberania cultural, a preservação da identidade e o pluralismo.

Nos países que lideram a construção da “Nova Ordem Mundial”, os imperativos do globalismo são sustentados pela classe dominante, impulsionada pelo sucesso da industrialização técnica privatizada e da informatização, que lhe permite obter lucros significativos em escala global. Ao mesmo tempo, as estruturas de proteção e controle dos Estados nacionais representam uma ameaça incontestável para essa elite global. O objetivo do projeto globalista é transformar os líderes políticos nacionais em uma camada social compradora, economicamente vinculada e beneficiada pelo acesso às mais altas vantagens civilizacionais proporcionadas pela elite globalista dominante. Essa dinâmica econômica e política global também influencia o conteúdo e a orientação do ensino superior, especialmente nas ciências sociais e nos estudos internacionais. As instituições educacionais podem, inadvertidamente, tornar-se veículos de reprodução das ideologias globalistas, quando os currículos enfatizam perspectivas orientadas pelo mercado e negligenciam os contextos nacionais e culturais. Assim, revisar os programas de Estudos Globais para incluir uma reflexão crítica sobre essas estruturas de poder é essencial para a formação de graduados independentes e analiticamente preparados.

No que se refere à maioria da população dos países ocidentais desenvolvidos, a política das elites visa preservar o alto padrão de vida alcançado durante o período de desenvolvimento tecnológico extensivo, entre o final do século XIX e o início do século XXI, em comparação com outras regiões. No entanto os indicadores econômicos das últimas duas décadas sugerem que a dinâmica e a sustentabilidade do desenvolvimento das sociedades que antes usufruíam de um “bem-estar universal” estão cada vez mais desacelerando. O padrão de vida geral está em declínio, e a taxa de lucro corporativo depende, cada vez mais, da atração de grandes contingentes de migrantes de baixa remuneração, muitas vezes em situação ilegal. A marginalização crescente, o aumento significativo do consumo de drogas, a corrupção e o lobby praticamente legalizados nas sociedades ocidentais indicam um movimento crescente de assimilação, por parte das elites econômicas, de mecanismos abertamente criminosos de obtenção de lucros — à custa da redução do padrão de vida da principal camada social dessas sociedades: a classe dos pequenos proprietários.

Os desafios crescentes enfrentados pelos países tradicionalmente líderes na economia global fazem com que os arquitetos do projeto globalista busquem atuar de maneira ainda mais



ativa no cenário internacional, expandindo sua esfera de influência, principalmente sobre Estados que possuem recursos estratégicos — sejam naturais ou geopolíticos. Dessa forma, pode-se identificar um fator de “novo expansionismo”, que se manifesta no afastamento das práticas neocoloniais desenvolvidas durante o período de domínio tecnológico e no avanço das estruturas globais de produção, informação e ideologia. O principal líder desse movimento globalista são os Estados Unidos da América, que se consolidaram como a potência central do mundo ocidental durante a Guerra Fria e o confronto entre o modelo liberal-democrático ocidental e o modelo socialista da União Soviética.

e o surgimento da “Doutrina Monroe”, cujo bicentenário de anúncio ao Congresso dos Estados Unidos foi celebrado em 2 de dezembro de 2023, a política externa norte-americana tem se fundamentado na justificação moral da interferência dos Estados Unidos nos assuntos internos de outros países. No entanto, diferentemente da “Doutrina Monroe”, que se tornou um modelo de distinção similar ao Tratado de Tordesilhas, o princípio moral não estava associado ao proselitismo religioso, mas sim às diferenças declaradas entre “sistemas políticos”, os quais, segundo a doutrina, determinavam os “princípios de justiça”, assegurando a paz, a segurança e a resposta a qualquer “manifestação hostil aos Estados Unidos” (United States, 1920, p. 2-3). É significativo que a mensagem de Monroe ao Congresso tenha sido inicialmente motivada por um pedido oficial do governo russo, transmitido pelo embaixador norte-americano em São Petersburgo, propondo o estabelecimento de zonas de interesse na América do Norte (United States, 1920, p. 1).

Ao mesmo tempo, a conhecida retórica religiosa desenvolvida durante a colonização da América do Norte por dissidentes protestantes ingleses e a ideia da “Cidade Brilhante sobre a Colina” sempre foram preservadas como elementos definidores e estruturantes da ideologia política norte-americana. A incorporação de tais estudos de caso no conteúdo educacional permite que os alunos avaliem criticamente como as narrativas da política externa são construídas e justificadas. Essa abordagem também promove o desenvolvimento de habilidades analíticas, capacitando os estudantes a decodificar a interação entre a retórica moral e a estratégia geopolítica na governança global.

A predominância do componente político nas relações internacionais pode ser observada na competição entre o “Ocidente capitalista”, liderado pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, e o projeto socialista da União Soviética, assim como no projeto

globalista liberal-democrático que se seguiu ao colapso da URSS, intensivamente desenvolvido no plano ideológico desde a década de 1970.

A crise desse projeto, fundamentado na liderança econômica, militar, política e ideológica dos Estados Unidos, define e determina as atuais questões teóricas e práticas problemáticas das relações internacionais. Foi essa crise que deu origem a formas cada vez mais expansionistas de justificação da intervenção militar norte-americana e de seus aliados da Europa Ocidental, não apenas nos assuntos internos de outros países, mas também na derrubada direta de regimes políticos considerados indesejáveis pelos líderes do mundo ocidental e no assassinato de chefes de Estado democraticamente eleitos.

Merecem destaque, nesse contexto, os discursos de Kagan na primeira década do século XXI. Em seus ensaios sobre a história moderna, ele defende a aplicação da “lei da selva” nas relações internacionais e vincula a afirmação da democracia a formas abertamente despóticas de intervencionismo liberal. Os próprios títulos dos livros de Kagan são reveladores, refletindo todo o espectro da justificação ideológica do expansionismo norte-americano: *Of Paradise and Power: America and Europe in the New World Order* (Kagan, 2004), *The World America Made* (Kagan, 2012) e *The Jungle Grows Back: America and Our Imperiled World* (Kagan, 2018). Não é mera coincidência a semelhança entre as palavras *imperiled* (ameaçado) e *imperial* no título do último livro mencionado, pois o projeto de “hierarquia da dominação global” desenvolvido pelo autor correlaciona-se diretamente com a ideia de império, no qual o centro de poder regula as relações com seus satélites. Kagan coloca, no primeiro nível, a Europa Ocidental; no segundo, o Japão e os pequenos “tigres asiáticos”. Em um novo nível desse sistema, encontram-se os países do Leste Europeu, considerados vetores da política neoimperial norte-americana nas fronteiras da Federação Russa — um rival derrotado na Guerra Fria, mas que ainda preserva um potencial geopolítico e econômico que pode representar uma ameaça (Petrovsky, 2012, p. 225-226).

O outro lado desse confronto global também se estrutura de forma hierárquica. As mais recentes doutrinas de segurança nacional dos Estados Unidos constantemente classificam como “ameaças” determinados países que desafiam o monopólio liberal-democrático dos Estados Unidos e do Ocidente como um todo. Em diferentes níveis dessa categorização, encontram-se praticamente todos os Estados que conduzem uma política internacional independente e preservam características nacionais e culturais em seus programas políticos. A República



Popular da China, a Índia e a Federação Russa são, em maior ou menor grau, alvos da política imperial neocolonial norte-americana.

De modo geral, a visão da crise leva os ideólogos norte-americanos da ordem mundial unipolar, *Pax Americana*, a recorrerem à tradição filosófica ocidental. É significativo que Platão (1972, p. 73), ao descrever a estrutura social no diálogo *Leis*, caracterize as relações entre Estados como uma guerra de “todos contra todos”, apontando para a inevitabilidade dos conflitos e a necessidade de proteção da sociedade diante de ataques externos.

Uma consideração semelhante sobre a guerra pode ser encontrada em Aristóteles (2012, p. 38), discípulo de Platão, que a via como uma característica inerente à comunidade humana, tendo como propósito o estabelecimento do melhor governo. Assim, entre os clássicos da filosofia antiga, o conflito reflete, por um lado, a luta entre diferentes formações sociais, nas quais uma tradição se choca com outra, e, por outro, a própria essência conflituosa da vida social. No entanto, na ideologia norte-americana, extrai-se dessa reflexão uma conclusão de longo alcance: a necessidade de suprimir quaisquer formas sociais que sejam declaradamente consideradas “antidemocráticas”. Nesse ponto, a tradição intelectual cristã-católica do pensamento ocidental oferece suporte aos defensores do globalismo.

Antes da queda do Império Romano, os pregadores cristãos eram guiados pelo mandamento “não matarás”, exortando seus seguidores a recusarem o serviço militar. Orígenes (185–254) pregava: “As lanças com as quais antes lutávamos, transformamo-las em foices; não mais levantaremos a espada contra qualquer nação... pois Cristo nos tornou filhos da paz”. Clemente de Alexandria (150–215) exortava:

Viver em paz é a mais elevada forma de justiça... Aprendamos a empunhar as armas da paz. Protejamo-nos com o escudo da justiça, ergamos a espada da fé e coloquemos o capacete da salvação sobre nossas cabeças. E também levantemos a espada do espírito, que é a palavra de Deus. Esta é a nossa arma, que não causará feridas sangrentas (Chatfield; Ilyukhina, 1993, p. 51, tradução nossa).

No entanto, quando a Igreja passou a assumir uma série de funções estatais significativas, a retórica pacifista já não podia ser aplicada em escala absoluta. Já Agostinho, em um sermão a seu filho centurião, citava palavras do Evangelho de Lucas:

Se a religião cristã proibisse as guerras como um todo, aqueles que buscassem conselhos de salvação no Evangelho [soldados] seriam instruídos a abandonar

suas armas e se retirar do serviço militar. No entanto, a eles foi dito: “Não pratiquem extorsão... e contentem-se com o seu salário” (Lucas 3:14). E, uma vez que lhes foi ordenado que se contentassem com seus salários, isso significa que não havia objeção ao serviço militar (Tomás de Aquino, 2011, p. 498, tradução nossa).

No início do período cristão, a Igreja impôs restrições aos métodos “bárbaros” de conquista e manutenção do poder nos territórios do antigo império mundial, em oposição às normas civilizadas romanas. Contudo, em pouco tempo, guerras reais passaram a ser travadas sob a liderança da Igreja, cuja justificativa ideológica diferia pouco da ideologia das guerras contra o barbarismo na antiguidade. A tradição pacifista categórica do mandamento “Não matarás” foi organicamente substituída pela ideologia militante da “Guerra Santa” pela “Paz de Deus”, evidenciando a adaptabilidade da cosmovisão cristã tradicional às exigências da realidade social. O Ocidente, assim como nos tempos antigos, iniciou a luta contra o “barbarismo” oriental, agora denominado “impiedade”.

Durante as Cruzadas e a Reconquista espanhola, os conceitos de “valor” militar, “honra” e “vitória no campo de batalha” retornaram ao vocabulário da moral cristã. Combinados com a visão tradicional “bárbara” daquele que destruiu Roma, esses conceitos foram transformados em uma tradição peculiar de “cavalaria”, baseada nas ideias de proteção da fé e “salvação espiritual” dos povos pagãos derrotados durante a luta armada, independentemente de sua cultura, história e modo de vida.

A unificação das tradições antigas e medievais de uma atitude racional em relação à luta pelo poder em prol dos valores europeus, ocorrida durante o Renascimento, resultou na formulação do princípio do moralismo por pensadores europeus, princípio este que nem Maquiavel, nem Hobbes adotaram na justificação da guerra. Como observou Diltthey (2013, p. 29-30, tradução nossa), “a ideia de evolução ou de desenvolvimento da humanidade é completamente estranha a Maquiavel. Ele pertence àqueles que, com base na tese da homogeneidade dos homens em todos os tempos, prepararam, no século XVI, a derivação de um sistema de formas culturais a partir da natureza humana”. Ao mesmo tempo, Maquiavel se afasta das considerações morais que não são inerentes à natureza, contrapondo a dinâmica social ao tradicionalismo natural.

De forma semelhante, no *Leviatã* de Hobbes, a “guerra de todos contra todos”, inerente ao estado natural, e a oposição racional ao seu caos tornam-se condições para a formação de uma ordem social estável, bem como de instituições políticas e públicas. No entanto, foram os

protestantes ingleses que fundaram colônias na América do Norte que colocaram o senso moral natural no centro da justificação da política internacional dos Estados, transformando o racionalismo europeu em uma forma de manipulação ideológica.

A ideologia da democracia liberal, em sua versão moderna do globalismo americano, passou por uma transformação semelhante em seu oposto. Assim, em Nash, um dos principais desenvolvedores da teoria do “poder brando”, percebe-se a exigência de uma base ideal e racional para o Estado. “O pesadelo do nosso contemporâneo”, escreve Manning Nash (1989, p. 128-129, tradução nossa), “é a ausência das raízes do Estado ao qual você pertence, a solidão, a alienação, a sensação de estar perdido no mundo dos outros organizados”. No entanto, segundo Nash, esse sentimento individual de ansiedade não deve ser eliminado pela restauração da realidade da existência social estatal, mas sim por meio de métodos de pressão ideológica, unificação da cultura e criação, na sociedade, da imagem de um Leviatã global — um verdadeiro sujeito supranacional de violência. Segundo outro pensador liberal, Bowdon (1989, p. 11), “a ideologia é um ‘ingrediente natural’ da vida social, a ‘cola das estruturas sociais’”. Na teoria e, na prática do liberalismo moderno, as formas sociais intraestatais que emergem espontaneamente já não conseguem garantir a socialização de todos os membros da sociedade, deixando margem para excluídos que, por uma razão ou outra, não se enquadram no ser coletivo geral.

Dessa forma, os princípios morais clássicos, que pressupõem o valor de cada vida individual em toda a sua diversidade e diferenças, acabam se transformando em seu oposto entre os liberais americanos, que concordam com a exclusão da vida pública de grupos sociais inteiros associados ao Estado tradicional. Fenômenos do socialismo ocidental moderno, principalmente o americano, como os movimentos LGBT+, BLM e diversas “culturas do cancelamento”, demonstram a prática do ditame ideológico liberal e sua demanda por unificação em toda a esfera social, desde o indivíduo até a humanidade como um todo. Essas mudanças ideológicas possuem implicações importantes para a educação, especialmente na forma como as narrativas políticas globais são apresentadas e debatidas nas salas de aula universitárias. É essencial que os currículos de Estudos Globais incentivem os estudantes a examinarem criticamente as bases ideológicas das teorias internacionais, indo além de uma neutralidade superficial para analisar como conceitos como democracia liberal, poder brando e unificação cultural moldam o discurso educacional global. Essa abordagem reflexiva auxilia os

estudantes a desenvolverem tanto uma consciência histórica quanto uma alfabetização crítica na navegação das ideologias globais contemporâneas.

Os agentes desse cenário também se manifestam no nível das relações internacionais — países que se recusam a aceitar a unificação político-ideológica, econômica e cultural ditada pelo globalismo imperial neocolonial. Ao mesmo tempo, a real adesão dos entes estatais a valores democráticos e/ou liberais não desempenha qualquer papel na imposição de rótulos políticos e ideológicos, amplamente disseminados pelos meios de comunicação globais e pelas redes de internet.

As contradições internas, lógicas e racionais, do globalismo americano moderno, juntamente com o ruído informacional que sufoca qualquer voz razoável tanto no Ocidente quanto além de suas fronteiras, levam, sem dúvida, a falhas práticas tanto no campo das relações internacionais quanto nos assuntos políticos internos dos adeptos contemporâneos do liberalismo. Se, na virada do século XX para o XXI, o poder político, militar e ideológico americano não podia ser questionado devido a ações bem-sucedidas na arena internacional — na Iugoslávia, no Iraque, no Afeganistão e na condução eficaz de golpes políticos antirrussos nos países da antiga URSS —, na última década, o expansionismo americano tem sofrido cada vez mais derrotas localizadas.

Os eventos na Líbia já demonstraram ao mundo as consequências mais negativas da expansão militar ocidental, desencadeando uma reação em cadeia de “crises migratórias” na Europa, posteriormente agravadas pelo “episódio sírio”. Já a situação na Ucrânia, após 2014, evidenciou a fraqueza militar do Ocidente e o fracasso econômico da política de sanções.

Diante do processo ativo de confronto entre os projetos unipolar e multipolar (ou policêntrico) da ordem mundial, bem como do fato de que o projeto unipolar se baseia em uma tradição comum do pensamento filosófico ocidental, faz sentido recorrer ao patrimônio filosófico russo — mais precisamente, àquela parte que considera o significado da existência humana no contexto dos processos globais. A atenção ao indivíduo não como um ser médio, reduzido a funções econômicas e políticas, mas como alguém que busca uma existência orientada por valores e mantém uma forte conexão com o patrimônio espiritual, moral e cultural de seus ancestrais caracteriza o pensamento russo como preparado para o diálogo com o mundo e aberto à possibilidade de reconhecer, na originalidade de outras culturas, as mesmas características que lhe são inerentes.

Uma das ideias mais significativas da filosofia russa é a da unidade universal. Sem dúvida, essa ideia, em sua versão histórica, é orientada pelo Cristianismo Ortodoxo, mas deve-se notar que ela se apresenta como uma alternativa ao individualismo ocidental, ao utilitarismo e à orientação para a unificação Florensky (1996, p. 554-555, tradução nossa), ao discutir a crise do Cristianismo, escreve:

Sabemos que o Espírito é Um, mas há muitas manifestações; no entanto, esse conhecimento não foi plenamente assimilado por nós, e sempre desejamos reconhecer apenas uma única manifestação do Espírito — aquela que nos é habitual no presente — minimizando todas as outras ou sequer reconhecendo-as como frutos do Espírito.

Não há um *pathos* missionário na orientação para a unidade universal; não se exige que uma pessoa converta todos os outros à sua fé, pois a unidade universal opera mais como uma ótica, por meio da qual toda a humanidade é vista como potencialmente unida em sua essência. Assim, em nível local, essa abordagem permite a construção de um diálogo fora do paradigma da dominação sobre os demais participantes.

De particular interesse, no contexto da atual reinterpretação da concepção ocidental de globalismo, está o projeto do trabalho comum proposto por Fedorov. As reflexões religiosas do filósofo são voltadas para a construção de uma situação criativa em que a humanidade se una, antes de tudo, por objetivos espirituais e práticos comuns: a regulação da natureza (vista como portadora da morte e da destruição), a transformação (ressurreição) dos mortos e a transição do processo evolutivo de um modo inconsciente para um modo consciente. Essa “obra de salvação” contribui para a superação das limitações individuais do ser humano e sua comunhão com toda a raça humana, sem que ele se dissolva no coletivo, mas sim por meio de um parentesco universal adquirido pela cooperação entre forças humanas e divinas. O senso moral exportado pelo Ocidente, formulado segundo os cânones da racionalidade clássica europeia, dá lugar, na obra de Fedorov, ao sentimento fundamental de parentesco e solidariedade — o pensador propõe “viver não para si, não para os outros, mas com todos e por todos”, pois viver para si mesmo “[...] significa sacrificar as vidas dos outros em prol de si próprio”, enquanto viver para os outros significa “sacrificar a própria vida pelos outros” (Fedorov, 2019, p. 8, tradução nossa).

Tomado ao pé da letra, o projeto de Fedorov pode, sem dúvida, ser percebido como utópico; no entanto, considerado como um “evento do pensamento” e uma configuração

específica da autodeterminação nacional em um contexto de globalização, ele abre novas estratégias de criação de vida diante da reestruturação da ordem mundial.

Nesse cenário, a necessidade de criar um mundo multipolar baseado em procedimentos democráticos reais e em uma ordem liberal internacional genuína, que considere as características estatais, culturais e os valores nacionais dos membros da comunidade internacional — um princípio há muito defendido pela liderança política da Rússia — torna-se especialmente relevante. A ideia de um novo estatismo, de um retorno aos ideais de autodesenvolvimento interno das estruturas sociais conforme suas tradições históricas, permitindo-lhes preservar uma identidade estatal única ao longo dos séculos e milênios, mesmo diante de conflitos e confrontos na arena internacional, não apenas se opõe ao projeto globalista de unificação ditatorial liderado pelos Estados Unidos, que o utilizam para manter sua posição dominante, mas também passa a constituir, gradualmente, um novo referencial ideológico.

São os Estados nacionais e as federações que, em sua universalidade, “acolhem” todos os cidadãos, conferindo-lhes direitos e deveres comuns e uniformes. Zhukotskaya (1998, p. 48, tradução nossa) descreve figurativamente essa função do Estado, do poder estatal e da ideologia: “Assim como a natureza é uma condição necessária para nossa vida, o Estado, o governo e a ideologia que os sustentam são uma expressão de nossa natureza social [...]”. No projeto ideal, as estruturas supranacionais não são globais, mas sim voltadas para atender aos interesses dos Estados individuais, possuindo relevância e valor regionais e afetando o desenvolvimento civilizacional global apenas de forma indireta, prospectiva, mas não obrigatoriamente.

## **Considerações finais**

À luz do exposto, podemos falar sobre a criação gradual de novas formas de racionalidade nas relações interestatais, capazes de superar o predomínio da concepção eurocêntrica e fragmentada de racionalidade e sua historicidade. As trajetórias civilizacionais e estatais de desenvolvimento da China, da Índia, do mundo árabe e, futuramente, de outras regiões globais podem e devem integrar a história comum do mundo moderno em condições de igualdade. As realidades econômicas, políticas e culturais de nosso tempo indicam que a era do ditame expansionista do globalismo liberal está chegando ao fim, e nenhum artifício ideológico pode ocultar as contradições fundamentais da ideia de dominação global americana, tampouco seu impacto destrutivo sobre todo o sistema de relações internacionais, incluindo as principais



instituições do direito e da ordem internacional, que acabam por se tornar uma paródia de si mesmas.

A Federação Russa, que atualmente trava uma luta real contra o Ocidente globalista pelo futuro de seu projeto estatal-civilizacional, fundamentado em valores tradicionais e familiares, busca preservar a verdadeira natureza humana diante dos projetos inumanos de sua “reconstrução” nas sociedades liberais ocidentais. Além disso, empenha-se na manutenção e no desenvolvimento da singularidade cultural, regional e estatal, baseada no consenso público. Esse esforço encontra um apoio cada vez mais amplo no cenário mundial, apesar da longa predominância da ideologia globalista, sustentada por adeptos ocidentais e pró-ocidentais da ordem mundial unipolar.

Relações internacionais civilizadas, respeitadas e culturalmente orientadas, às quais a liderança russa dedica especial atenção, exigem esforços conjuntos em todas as esferas, incluindo a economia. No passado, a fundamentação econômica, a organização racional e a gestão eficaz foram as forças que levaram a civilização europeia à liderança global; no entanto, hoje, os objetivos ideológicos globalistas ativamente impedem novos atores de ingressarem, em condições equitativas, em um sistema que se beneficia da cooperação internacional. É por essa razão que o apoio ao projeto chinês “Uma Rota – Um Cinturão” se torna tão significativo para a Rússia, assim como a “guinada russa para o Oriente” é percebida como uma necessidade em todos os níveis da sociedade russa. A dinâmica desse processo não parece isenta de conflitos, pois diversos aspectos devem ser considerados — tanto os desafios relacionados à organização de uma nova ordem multipolar por potenciais sujeitos interessados quanto as forças ativamente opostas, que obtêm dividendos significativos da ordem vigente e promovem sua própria visão de um futuro globalista. O caminho para a concretização da multipolaridade ainda está em seu estágio inicial, e sua magnitude não implica mudanças revolucionárias, mas sim um trabalho meticuloso de racionalização e implementação.

Nesse contexto, o campo educacional — especialmente o ensino superior — desempenha um papel estratégico na formação dos instrumentos intelectuais e dos valores necessários para navegar na transição da ordem mundial. Os Estudos Globais, enquanto domínio interdisciplinar, devem evoluir para além dos modelos descritivos da globalização, engajando ativamente os estudantes na análise crítica da diversidade civilizacional, da pluralidade epistemológica e das transformações geopolíticas. A incorporação de tradições filosóficas alternativas, como o cosmismo russo e o pensamento multipolar, nos currículos

acadêmicos capacita os aprendizes a interpretar as realidades globais por meio de lentes culturalmente enraizadas, promovendo a competência intercultural, a consciência crítica e a responsabilidade cívica nos futuros cidadãos globais.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Politika** [Política]. Moscou: AST, 2012. 393 p.

BOWDON, R. **The analysis of ideology**. Cambridge: Polity Press, 1989.

CHATFIELD, C.; ILYUKHINA, R. M. (eds.). **Mir**: Al'ternativy voyne ot antichnosti do kontsa Vtoroy Mirovoy Voyny [Paz: Alternatives to war from antiquity to the end of World War II (Alternativas à guerra desde a antiguidade até o final da Segunda Guerra Mundial). Antologia]. Moscou: Nauka, 1993.

DILTHEY, V. **Vozzreniye na mir i issledovaniye cheloveka so vremen Vozrozhdeniya i Reformatsii** [Visão do mundo e estudo do homem desde a Renascença e a Reforma]. 2ª ed. Moscou: Center for Humanitarian Initiatives, 2013.

FEDOROV, N. F. **“Zhit' so vsemi i dlya vsekh”**: Aforizmy i fragmenty [“Viver com todos e para todos”: Aforismos e fragmentos]. Moscou: Akademicheskiy proekt, 2019.

FEDOROV, N. F. **Sobraniye sochineniy**: v 4-kh tomakh [Ensaaios em 4 vols.]. Moscou: Progress, 1995. v. 1.

FLORENSKY, P. A. **Sochineniya v 4 t.** [Obras em 4 vols.]. Moscou: Mysl, 1996. v. 2.

GUZEEVA, O. Rights and obligations of the state as a participant of criminal law relations. **Legal Bulletin**, v. 4, n. 8, p. 76–93, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.11190367.

KAGAN, R. **O raye i sile**: Amerika i Yevropa v novom mirovom poryadke [Sobre o paraíso e o poder: América e Europa na nova ordem mundial]. Moscou: ROSSPAN, 2004.

KAGAN, R. **The jungle grows back**: America and our imperiled world. New York: Alfred A. Knopf, 2018.

KAGAN, R. **The world America made**. New York: Alfred A. Knopf, 2012.

NASH, M. **Cauldron ethnicity in the modern world**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

PETROVSKY, V. F. **Doktrina “natsional'noy bezopasnosti” v global'noy strategii SSHA** [A doutrina de “segurança nacional” na estratégia global dos EUA]. Moscou: International Relations, 2012.

PLATÃO. Zakony [Laws]. In: **Sochineniya** [Obras]. Moscou: Mysl, 1972. v. 3, pt. 2.

POLOVCHENKO, K. A. Constitutional foundations of the security system in a modern state. **International Journal of Electronic Security and Digital Forensics**, v. 13, n. 4, p. 390-402, 2021.

SHARIPOV, A. M. Gosudarstvennoye obespecheniye preymstvennosti sotsiokul'turnogo razvitiya natsii [Provisão estatal de continuidade do desenvolvimento sociocultural da nação]. In: RASTORGUEV, V. N. (ed.). **Traditsionalizm v epokhu revolyutsiy**: Kul'turnaya politika i tsivilizatsionnyy vybor: Kollektivnaya monografiya po materialam XIV Mezhdunarodnykh Panarinskikh chteniy [Tradicionalismo na era das revoluções: Política cultural e escolha civilizacional: Uma monografia coletiva baseada nos materiais das leituras do XIV Panarin Internacional]. Moscou: Russian Research Institute of Cultural and Natural Heritage named after D.S. Likhachev, 2017.

TOMÁS DE AQUINO. Vopros 40. O voyne [Pergunta 40. Sobre a guerra]. In: **Summa teologii** [Suma teológica]. Kiev: Nika-center, 2011. pt. 2-2.

UNITED STATES. President (1817-1825: Monroe). **The Monroe Doctrine**: Also, Jefferson's letter to Monroe. Santa Barbara: University of California, 1920.

VOLKOVA, P. S. Iskusstvo v aspekte dialoga. K voprosu o filosofii obrazovaniya [A arte no aspecto do diálogo. Sobre a questão da filosofia educacional]. **Art Criticism**, n. 1, p. 6-14, 2023.

YESPOLOVA, G.; YBYRAIMZHANOV, K.; MUSSABEKOVA, G. Research competence of pupils as the component of content of education. **Opcion**, v. 35, n. 88, p. 948-961, 2019.

ZHUKOTSKAYA, A. V. **Problema ideologii**: Sotsial'no-filosofskiy analiz [O problema da ideologia: Análise sociofilosófica]. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Moscow State University, Moscow, 1998.

### CRedit Author Statement

---

- **Reconhecimentos:** Os autores expressam sua sincera gratidão à equipe editorial da *Nuances: Estudos sobre Educação* e aos pareceristas anônimos pelos comentários construtivos e recomendações perspicazes, que contribuíram significativamente para aprimorar a clareza, o foco e a qualidade acadêmica deste artigo.
  - **Financiamento:** Este estudo foi realizado com recursos de um financiamento interno da Herzen Universidade Pedagógica Estatal da Rússia (projeto n.º 22VG) intitulado “*Arquitetônica da Educação Universitária e as Ideias do Cosmismo Russo: Diálogo de Valores e Constantes Semânticas no Mundo Pós-Global*”.
  - **Conflitos de interesse:** Os autores declaram não haver conflitos de interesse relacionados à publicação deste artigo.
  - **Aprovação ética:** Este estudo não envolveu sujeitos humanos nem utilizou dados que exigissem aprovação ética.
  - **Disponibilidade de dados e material:** Todos os dados e materiais de referência utilizados neste estudo estão disponíveis nas fontes citadas. Nenhum conjunto de dados adicional foi gerado ou analisado durante a elaboração deste artigo.
  - **Contribuições dos autores:** Todos os autores contribuíram igualmente para o desenvolvimento conceitual, a revisão da literatura e a redação do manuscrito. Cada autor esteve ativamente envolvido na análise das dimensões filosóficas e educacionais dos Estudos Globais, bem como na revisão e refinamento da versão final do artigo para publicação.
- 

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação**  
Revisão, formatação, normalização e tradução

